

LINGUÍSTICA

J. G. Herculano de Carvalho - ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 1^o vol.
Lisboa, Editorial Verbo, 1964, 219 pp.

Acontece às vêzes aos lingüistas mudarem de orientação após todo um conjunto de pesquisas elaboradas de acôrdo com determinados procedimentos. O livro que resenhamos exemplifica tal facto, pois pertence a uma fase "em parte superada no desenvolvimento do pensamento científico do autor".

Herculano de Carvalho é professor de Lingüística na Faculdade de Letras de Coimbra e vem há tempos publicando obras de reconhecido valor; recordem-se "Coisas e Palavras, alguns problemas etnográficos e lingüísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica" (1953), "Fonologia Mirandesa", vol. I (1958), além de inúmeros artigos dispersos por revistas especializadas, dos quais os "Estudos Lingüísticos" representam uma coletânea; êste primeiro volume reedita trabalhos escritos entre 1950 e 1957, reservando-se para o segundo, no prelo, os do período de 1958 a 1963.

Foi na "Introdução aos Estudos Lingüísticos (2^a ed., 1960; refusão em 1962, com alteração do título para "Lições de Lingüística -- ambas obras publicadas em edição mimeografada destinada aos alunos de Coimbra) que se deu a mudança de orientação de Herculano de Carvalho, mediante a adoção dos princípios fundamentais do Estruturalismo, manipulados por meio de especulações teóricas de fundo escolástico; o índice da edição de 1962 de certa forma o demonstra: o objeto da lingüística, definição e funções da linguagem, o objeto formal da lingüística, outras formas de linguagem humana, a chamada "linguagem" animal, os sinais lingüísticos, a atividades lingüística, o ato de fala e o texto, o saber lingüístico, sistematicidade do saber lingüístico, sistema, a norma e o esquema, saber individual e interindividual, comunidades lingüísticas, análise do ato de fala, a interpretação e os correlatos situacionais, a mudança lingüística, funcionalidade e mudança na linguagem, sincronia e diacronia, planos paradigmático e sintagmático, plano fônico e plano significativo, as duas classes de significação lingüística, classificação dos significantes como entidades significativas, lexicologia e morfologia.

Predominam nesta coletânea trabalhos de dialetologia ("Por que se fala dialeto leonês em Terra de Miranda?", "Elementos estranhos no vocabulário mirandês", "Os estudos dialetológicos em Portugal nos últimos vinte anos") e de fonética ("Sobre a evolução de *laudare* - louvar, *audire* - ouvir", "Comentários às notas de paleontologia lingüística de H. Lüdtke", "A evolução portuguesa dos grupos -ky- e -ty- intervocálicos"), havendo-os também de lexicologia ("Coisas e palavras" e "O vocabulário exótico na Histoire des Indes") e de história externa da língua ("Moçarabismos lingüístico ao sul do Mondego"); algumas recensões críticas cerram o volume.

No primeiro dos trabalhos dialetológicos retoma-se a interessante questão da permanência do dialeto leonês em terras portuguesas de Miranda (matéria já estudada por Leite de Vasconcelos e por Menéndez Pidal), aduzindo o A. novas razões para explicá-la. Opina que essa área foi colonizada e leonizada no séc. XIII, não se aceitando que o mirandês tenha caráter originariamente leonês; justifica-se a persistência da influência lingüística leonesa lembrando-se o isolamento em que se acha Miranda. Condições mais recentes, tais a construção de barragens hidroelétricas e de estradas de ferro, vêm todavia rompendo esse isolamento, fazendo-se sentir novas influências lingüísticas, sobretudo portuguesas; comprova-o o A. mediante cuidadosa investigação dos "elementos estranhos no vocabulário mirandês", que divide pelos seguintes campos lexicais: práticas agrícolas e pastoris, nomes de árvores e de partes do corpo humano, vestuário. Historiam-se por fim os "estudos dialetológicos em Portugal", dividindo-os Herculano de Carvalho em duas épocas: na primeira, caracterizada pelo vasto labor de Leite de Vasconcelos e daqueles que se reuniram em torno da "Revista Lusitana"; a segunda época é marcada pela presença de Paiva Boléo, que desde 1940 vem trabalhando em seu projeto do Atlas Lingüístico de Portugal (2.300 questionários do conhecido Inquérito Lingüístico Boléo já se acham preenchidos). Assinalam-se também as atividades de Armando Lacerda e de Lindley Cintra, os quais efetuaram gravações de vários dialetos portugueses.

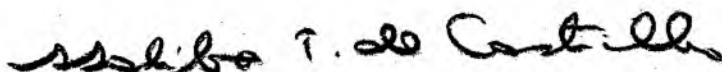
Debatendo a evolução fonética de "*laudare*" e "*audire*", rejeita o A. a explicação clássica de Nunes, pela qual as formas primitivas tenham sido "*oir*" e "*loar*", derivando daqui "*ouvir*" e "*louvar*". Citando abundantes testemunhos documentais, conclui que essas formas monotongadas não passam de particularismo dialetal galego, devendo-se recorrer a "*ouir*" e "*louar*" para explicá-las, e bem assim as formas modernas. Quanto aos grupos -ky- e -ty-, após resenhar as evoluções que lhe atribuíram Nunes, Williams e Huber, e levantados todos os casos em que ocorrem, conclui que o resultado mais antigo foi o

que conduziu à africada surda -ts-, hoje simples alveolar -s-, de vendo-se a uma evolução semi-erudita as formas oriundas daqueles grupos que apresentaram um -z-.

Em "Coisas e Palavras" resume-se com alguns aditamentos o estudo de 1953; finalmente, em "O Vocabulário Exótico na Histoire des Indes" são inventariadas as palavras portuguesas que penetraram no francês através da tradução da "História do Descobrimento e Conquista da Índia" de Fernão Lopes Castanheda (1551 em Portugal, 1553 na França), procedendo-se também à avaliação das que permaneceram.

Aguardemos que saia breve à luz o segundo volume destes "Estudos", tão ricos de informações e de sugestões para novos trabalhos sobre a língua pátria.

|ATC|


Ataliba T. de Castilho